

Imigração, religião e identidade étnica: história oral da imigração síria e libanesa para Guaxupé-MG

Leandro Aparecido Lopes

RESUMO

Esse trabalho tem como finalidade realizar uma interpretação relativa à presença dos imigrantes de origem síria e libanesa no município de Guaxupé, interior do estado de Minas Gerais, e a construção de sua identidade. A partir de relatos orais de imigrantes e seus descendentes, a pesquisa tenta adentrar num mundo de experiências vividas historicamente, fundamentadas nas realidades locais, trabalhando com a diferença e com a multiplicidade. Tem ainda a capacidade de apresentar o que há de concreto na dinâmica social e no cotidiano desses imigrantes, buscando compreender os conflitos e as solidariedades enfrentadas por eles ao se estabelecerem no município de Guaxupé.

PALAVRAS-CHAVE: Sírios e Libaneses – Imigração – História Oral

ABSTRACT

This work aims to an interpretation on the presence of immigrants of Syrian and Lebanese origin in the municipality of Guaxupé, the state of Minas Gerais, and the construction of their identity. From oral reports of immigrants and their descendants, the search tries to enter a world of experiences lived historically, based on local realities, working with difference and with the multiplicity. It also has the ability to present what the dynamics of concrete social and daily life of immigrants, seeking to understand the conflicts and solidarities faced when they establish in the municipality of Guaxupé.

KEYWORDS: Syrians and Lebanese - Immigration - Oral History

INTRODUÇÃO

O estudo da imigração está ganhando vulto nos estudos sistemáticos pelo país cabendo às “pesquisas continuar desvendando as especificidades e os problemas que acompanham os vários deslocamentos, em toda a sua complexidade” (DEMARTINI, 2005:88). A importância desses estudos é a prioridade dada à história regional e local, saindo, dessa forma, do Eixo Rio-São Paulo. Ao priorizar a história regional e local os estudos imigratórios permitem-nos analisar as continuidades e discontinuidades do fenômeno bem como destacar o cotidiano dos imigrantes na localidade (COELHO, 1998). Ao utilizar a história regional e local, a pesquisa, também busca compreender os processos de imigração e demonstrar as semelhanças e diferenças com outras localidades. Ao focalizar um espaço menor, o estudo considera que nenhuma imigração assemelha-se à outra e procura distanciamento de generalizações, no

Centro Universitário Claretiano – CEUCLAR. Especialista em Filosofia e Ensino de Filosofia. E-mail: leandroaplopes@gmail.com

sentido que estas podem conduzir ao risco de perda das peculiaridades da experiência imigratória dos sírios e libaneses no Brasil.

A religião, embora ignorada nos estudos imigrantista, teve um papel de fundamental importância na formação da comunidade sírio e libanesa e em sustentar a sua identidade étnica, principalmente, nos primeiros anos do movimento imigratório (PITTS JR, 2006:42). Este aspecto se relaciona a questões étnicas, religiosas e regionais que eram decisivas na terra natal e que também foram ao se estabelecerem no Brasil, especialmente em Guaxupé, onde a colônia síria e libanesa assumiu uma característica peculiar ao ser cristã ortodoxa. Dessa forma, em inícios do século XX, tendo como objetivos a difusão da religião ortodoxa, bem como a manutenção da prática religiosa dos imigrantes já residentes em Guaxupé e região circunscrita, chega a Guaxupé o Padre Ortodoxo José Elias com objetivos de construir uma Igreja Ortodoxa, bem como a manutenção da religiosidade da comunidade síria e libanesa.

Para Sayad (1998), a imigração, não fica presa somente no deslocamento em espaços físicos, é antes a inserção no “espaço qualificado”, no qual podemos destacar o cultural com suas práticas através da língua e da religião. Os imigrantes sírios e libaneses ao adentrarem em espaços físicos totalmente diferentes buscaram construir uma rede de apoio na nova sociedade, buscando unirem-se e constituírem-se como grupo a fim de se firmarem e, conseqüentemente, diferenciar-se do novo. Segundo Pesavento (2004:89) a identidade:

Enquanto representação social, a identidade é uma construção simbólica de sentido que organiza um sistema compreensivo a partir da idéia de pertencimento. A identidade é uma construção imaginária que produz coesão social, permitindo a identificação da parte com o todo, do indivíduo frente a coletividade, e estabelece a diferença.

A imigração síria e libanesa irá contribuir com as discussões sobre a identidade brasileira existente entre fins do século XIX e durante o século XX, onde buscam demonstrar que a etnicidade árabe poderia transformar a identidade cultural, econômica e social do Brasil. Porém a elite reclamava que os sírios e libaneses não aceitavam a assimilação, mas pelo contrário, realizavam uma aculturação. Para Lesser (2001) “a assimilação (na qual a cultura pré-imigratória da pessoa desaparece por completo) foi um fenômeno raro, enquanto a aculturação (a modificação de uma cultura em resultado de outra) foi comum”. Ocorreram, assim, trocas culturais, ou seja, em vez de perder as suas tradições e culturas próprias, assimilando as da nova terra, ocorreram trocas culturais (língua, religião, gastronomia).

O presente trabalho, procura analisar inserção dos imigrantes sírios e libaneses no município de Guaxupé, desenvolvendo um exame sobre a identidade cultural da religiosidade destes imigrantes, em especial no período que compreende os anos de 1900 a 1950.

A pesquisa fará uso da história oral, buscando dessa forma, adentrar num mundo de experiências vividas historicamente, fundamentadas nas realidades locais, trabalhando com a diferença e com a multiplicidade. Tendo ainda a capacidade de apresentar o que há de concreto na dinâmica social e no cotidiano religioso dos imigrantes sírios e libaneses.

A História Oral é uma metodologia em que existe o efetivo envolvimento do pesquisador com o objeto de estudo, buscando desvendá-lo através dos relatos orais¹ dos sujeitos envolvidos, em complementaridade com outras fontes escritas e iconográficas. Permite o registro de testemunhos e o acesso a “histórias dentro da história”, ampliando, assim, as possibilidades de interpretação do passado. Através da história oral, é possível reconhecer a existência de múltiplas histórias, memórias e identidades em uma determinada sociedade, sendo esta uma de suas principais riquezas. A complementaridade entre as fontes e a interação entre o pesquisador e o pesquisado, permite a exposição e a utilização do que ficou guardado e/ou esquecido.

SÍRIOS E LIBANESES EM GUAXUPÉ

O início da emigração² em massa dos sírios e libaneses esta profundamente ligada a soma de vários fatores de ordem econômica, religiosa, política, social e cultural que envolvia a Síria e o Líbano³ em fins do século XIX e inícios do XX.

A cidade de Guaxupé ainda não era emancipada⁴ quando chegaram os primeiros imigrantes sírios e libaneses. A data da chegada dos primeiros imigrantes é imprecisa, pois não há registros. Segundo o Padre José Elias Ohomsi, existe uma carta de uma Sociedade de Ajuda Mútua datada de 1896 “Nós temos uma carta registrada em Guaranésia, não chegou a minha mão ainda (...) Em 1896 tem uma carta de um estatuto chamado Sociedade Síria Mútua (...) Então, antes de 1896 o árabe veio aqui em Guaxupé (...) não existia Guaxupé, existia a cidade das Dores”. Encontra-se na Ata de Comemoração do Quarto Centenário do

¹ Faz-se necessário salientar que cada entrevista, por mais sintética ou extensa, rica ou evasiva que seja, representa uma variedade de visões dos indivíduos socialmente inseridos em posições diferentes, permitindo o estudo de como as pessoas ou grupos efetuaram e elaboraram suas experiências.

² Os termos imigração e emigração distinguem-se pela posição do observador e do narrador, no entanto referem-se a um movimento único, o que às vezes leva a uma confusão, usando-se imigração para tudo. Dessa forma utilizarei emigração exclusivamente para o movimento de saída do país de origem, e imigração para quando for tratar do processo imigratório.

³ Até o início da I Guerra Mundial, a região conhecida como *Grande Síria*, ou simplesmente, Síria, pertencia ao Império Turco-Otomano e incluía o Líbano entre suas fronteiras, bem como a Jordânia e parte do Iraque.

⁴ O Arraial de Dores e Guaxupé do qual originou Guaxupé nasceu em 1837 e pertencia ao município de São Sebastião do Paraíso. Após alguns anos passou a pertencer ao município de Muzambinho. A 1º de junho de 1912 é dado a Guaxupé a emancipação política.

Descobrimento do Brasil⁵ o nome de três imigrantes sírios e/ou libaneses: João José Nahum, Nicolau Elias Francisco e Felipe José Joaquim Meziara, demonstrando, assim, a presença destes imigrantes em Guaxupé, em fins do século XIX.

Em entrevista com os colaboradores, podemos estabelecer os motivos que levaram os primeiros sírios e libaneses a se estabelecerem na região de Guaxupé. O primeiro está ligado ao grande desenvolvimento da agricultura cafeeira no século XIX e princípios do XX, o que representava um grande e promissor mercado de trabalho para os imigrantes, que se atinham à arte de mascatear – atividade de comércio ambulante à qual se dedicavam devido as vantagens que lhes eram proporcionadas como, por exemplo, o crédito no pagamento das mercadorias e o retorno rápido:

(...) porque antigamente, como é agora também, eles achavam que Guaxupé é a cidade central de toda a região, você não acha? (...) Guaxupé é centro comercial das regiões e por isso vieram para Guaxupé. Até hoje eles acham. (...) Ah sim! Todo lugar parava aqui, todo comércio aqui... (Nair Salomão)

Uai, é questão de conhecimento da cidade deles, lá do Líbano: onde está o fulano? Está lá em Guaxupé! E veio pra cá. Outros foram para São José do Rio Preto, outros para Uberlândia. Então, mas... é, Guaxupé reunião bastante gente, em virtude do padre e a visitação dos árabes aqui do Brasil, de todas as cidades eles viam aqui. Casamentos eram feitos aqui ou então o padre saía de Guaxupé para fazer casamentos dos patrícios lá em Uberlândia. O padre daqui e ia lá em Uberlândia fazer casamento (Nabih Zaiat)

Como pode ser observado no relato do colaborador Nabih Zaiat, o estabelecimento dos primeiros imigrantes criou uma “rede de conterrâneos”, estreitando as relações entre a terra natal e a cidade de Guaxupé. Por ser uma decisão familiar a emigração tinha como motivação a busca de melhores condições socioeconômicas, e, quando um parente já estava previamente estabelecido, buscava-se e/ou viam outros parentes para o Brasil. Percebemos que existe também o fator da presença de um padre ortodoxo e a Igreja Ortodoxa, fazendo de Guaxupé uma cidade onde poderiam relembrar seus ritos religiosos em uma Igreja própria, além de poderem externar sua identidade religiosa.

A maioria dos sírios e libaneses da colônia guaxupeana são oriundos das cidades de Homs na Síria e Trípoli, Meziara, Saída, Bairo Akar, Zahlé no Líbano. Devido aos laços de parentesco e a tendência de serem de uma mesma cidade ou vilarejo, determinou a concentração especial de algumas famílias (Safady, 1972, 86), as quais podemos destacar os Sabbag, Abrão, Tauil, Elias, Abdalla, Farah, Salomão, Cury, Zaiat, Calil e Nehemy.

⁵ Esta Ata comemorativa do Quarto Centenário do Descobrimento do Brasil data do dia três de maio de 1900. Ela se encontrava dentro do monumento comemorativo do Quarto Centenário do Descobrimento do Brasil, que se encontrava localizado na Praça Américo Costa. Cf. VALLE & VALLE, 2003:56.

Ocorreu a preocupação entre os primeiros sírios e libaneses de preservar a língua pátria, como uma forma de manter a identidade e a esperança do retorno. Com o passar dos anos, foram ocorrendo lacunas no ensino do árabe aos descendentes, devido ao falecimento dos imigrantes que exigiam que o árabe fosse ensinado e falado no meio familiar, como pode ser observado pela colaboradora Nádia Cury, neta do padre José Elias:

(...) a língua árabe é muito difícil. Eu que sou neta e filha, eu não falo. Eu entendo tudo mas falo muito pouco (...) no tempo em que meu avô era vivo, ele falava com a gente em árabe e exigia que a gente respondesse em árabe para ele. É, eu meus irmãos, os três mais velhos, eles falam corretamente. Agora eu e minha irmã que perdemos o meu avô quando ainda éramos criança, a gente já não teve muito contato com ele e aí meu pai não exigia, minhas tias não exigiam. Ninguém exigia, então, a gente não aprendeu. Mas entende, entendo tudo...

Outra tentativa de manter as tradições e os hábitos culturais eram os matrimônios endógenos – matrimônio realizado dentro do grupo étnico – especialmente entre os primeiros imigrantes. Eles casavam com outros membros já estabelecidos ou iam à terra natal para se casarem. Segundo o relato dos colaboradores, os casamentos entre pessoas de mesma cultura ajudaria a manter as tradições, facilitaria a convivência, evitando, assim vários conflitos, e, visava a manutenção do patrimônio. Com o passar dos anos, em especial após os anos 1930, os matrimônios exógenos ficaram mais freqüentes, principalmente entre os descendentes que buscavam casar com quem desejavam e não por quem os familiares desejavam.

Ao se estabelecerem em Guaxupé, os imigrantes sírios e libaneses relatam que inicialmente sofreram certa rejeição da população. Como ocorreu em todo o país, em Guaxupé também ocorreu a confusão de que todo árabe era turco, como em todo o país, devido à problemática do passaporte. A colaboradora Nair Salomão demonstra que não se sentem a vontade quanto a esta confusão quando ressalta:

Tinha muito. Preconceito tinha muito. Aí, quando eles chamavam a gente de turquinha, ih aquilo era uma paixão, não podia chamar de turquinho que estava ofendendo... porque eu não sei. Acho que era preconceito, era de brasileiro, estava achando que a gente estava morando em um lugar que não era da gente... Chamava a gente de turquinha e gente não gostava. A minha filha mais velha casou, ela não colocou o sobrenome dos filhos dela de Salomão, você acredita! Por causa de chamar ela de turquinha... a gente sentia sim, um apelido maldoso.

A rejeição também se estendeu a questões fúnebres, pois, a Igreja Católica, em Guaxupé, controlava, em fins do século XIX e início do século XX, o cemitério⁶. Sob o

⁶ Em toda sua história, a vila e o município de Guaxupé já tiveram quatro cemitérios, sendo que dois foram desativados e dois encontram-se em funcionamento. O primeiro cemitério tratava-se de um cemitério particular, incrustado na fazenda de Antonio de Carvalho Duarte. Este cemitério servia apenas para se realizar sepultamentos de escravos da própria fazenda e de fazendas vizinhas. Conjetura-se que este cemitério tenha

comando da Igreja Católica Romana foi erguido em 1896 o cemitério até hoje existente na Praça da Saudade⁷ - nota-se que a secularização dos cemitérios no Brasil iniciou-se em 1889.

O cemitério era composto de duas partes: A primeira chamada de parte benta, que era reservada aos fiéis católicos romanos e a segunda parte, fora dos muros e localizada no fundo do cemitério, que era chamada de parte não benta, onde eram sepultadas pessoas que não eram católicas (ortodoxos principalmente), crianças que morriam antes de serem batizados, soldados mortos em exercício da função, prostitutas e pessoas que o vigário considerava não merecerem serem sepultadas na parte benta.

A Igreja Católica administrou este cemitério até a década de 1920, quando o mesmo foi forçadamente secularizado. Segundo a tradição oral, em Guaxupé morreu uma senhora de origem árabe e cristã ortodoxa e o vigário não permitiu que a mesma fosse sepultada na parte benta do cemitério. A família da senhora procurou então o Prefeito Municipal Francisco de Oliveira Lessa⁸ que resolveu intervir no assunto. O prefeito procurou então o padre, porém o mesmo não mudou de idéia e disse que não permitiria que a senhora fosse sepultada no cemitério, o prefeito então resolveu secularizar o cemitério, ordenando que a senhora fosse sepultada dentro dos muros. Este cemitério é denominado Cemitério Municipal Luiz Smargiassi e ainda se encontra em funcionamento.

Segundo SAFADY (1986:79) a vinda da Igreja Ortodoxa de Antioquia ao Brasil interage com a chegada dos primeiros imigrantes sírios e libaneses em fins do século XIX. Já em 1904 é inaugurada em São Paulo a primeira Igreja Ortodoxa do Brasil, dedicada a Nossa Senhora, sendo custeada por membros da colônia síria e libanesa de São Paulo.

Assim, em Guaxupé, devido a sua colônia expressiva e acompanhando o “movimento espiritual”, construiu-se a Igreja Ortodoxa Antioquina Santo Elias Profeta, considerada por muitos colaboradores como sendo a segunda Igreja Ortodoxa construída no Brasil, cujo início da construção remonta a 1908. Mas essa data é objeto de discussão, pois, a Catedral Metropolitana de São Paulo admite a sua construção e/ou ereção canônica⁹ no ano de 1927¹⁰.

iniciado suas atividades em fins do século XVIII. Nota-se que nesta época ainda não existia a Vila de Dores do Guaxupé e o cemitério mais próximo era na cidade de Jacuí. Com a criação da Vila de Dores de Guaxupé, em 01 de novembro de 1837, os habitantes da Vila também passaram a ser sepultados neste cemitério particular localizado na fazenda de Carvalho Duarte.

⁷ Entre 11 de janeiro de 1856 e 09 de maio de 1896, a Paróquia de Nossa Senhora das Dores de Guaxupé teve um cemitério que funcionava junto à Igreja Matriz. Sua efetiva demolição se deu apenas em 1928, quando todos os restos mortais ali sepultados foram transferidos para o novo cemitério.

⁸ Governou Guaxupé entre 1923 e 1930, porém devido à queima dos documentos na Prefeitura Municipal em 1946 fica impossível precisar a data da secularização forçada do cemitério de Guaxupé. Na Cúria Diocesana não é encontrado nenhum registro deste fato, sendo ele trazido até nossos dias pela tradição oral.

⁹ Ereção Canônica é quando a paróquia é constituída como tal – nota explicativa via e-mail da Catedral Metropolitana Ortodoxa de São Paulo.

Segundo colaboradores, o padre José Elias¹¹ veio para construir a Igreja tendo como objetivos a difusão da religião ortodoxa, bem como manter a prática religiosa dos imigrantes residentes em Guaxupé e região circunscrita, como nos relata a colaboradora Nádia Cury:

Veio, construiu a Igreja. Que era só ele nesta região. Então ele cobria até Anápolis, ele ia para Goiás, para todo lado, sabe. E ele foi ganhando dinheiro, construindo a Igreja e aqui tinha muito sírio na época, tinha a família dos Farah, dos Sabbag, é dos Elias, era uma família, era muita gente descendente de árabe e árabe mesmo. Então, eles o ajudaram e muito a construir a Igreja. Até ele ficou. Depois de quatorze anos, em 1908 ele terminou a Igreja e mandou buscar a família.

O padre José Elias participava ativamente da vida de outras colônias ‘árabes’, pois a Paróquia Santo Elias atendeu a uma área muito extensa¹², englobando cidades como São José do Rio Pardo (SP), Altinópolis (SP), Franca (SP), Anápolis (GO) e cidades do Triângulo Mineiro. Padre José Elias esteve à frente da Igreja Ortodoxa de Guaxupé até 1950, quando se afastou devido sua saúde já estar um pouco debilitada. Assumiu, então, o padre Michel Deiratani. O padre José Elias veio falecer em 1952 – fato este que marcará a colônia.

O padre Michel Deiratani permaneceu até o ano de 1973. Em seguida, tomou posse o padre Nicolau Ferzoli; este esteve à frente da Igreja Ortodoxa até inícios do ano de 1979. O padre Jorge Zeitune veio substituir o padre Nicolau, mas ficou pouco tempo. Em seguida, a Igreja Ortodoxa Santo Elias teve à sua frente o padre Paulo, que não residiu em Guaxupé mas, vinha esporadicamente para celebrar algumas cerimônias.

A partir de fins do ano de 1979, a Igreja Ortodoxa Santo Elias foi fechada. Permaneceu assim por aproximadamente 20 anos, até que o padre José Elias Ohomsi foi designado para reformar e reorganizar a Igreja Ortodoxa em Guaxupé – meados do ano de 2000. Aos 18 dias do mês de agosto de 2002, ocorreu a reinauguração da Igreja Ortodoxa,

¹⁰ Completando as divergências relacionadas quanto a data da construção da Igreja Ortodoxa de Guaxupé, encontra-se em posse do colaborador Toufic um Missal Ortodoxo cuja impressão é datada de 1890 em árabe. Na contra-capá, no final do referido Missal encontra informações escritas a mão. Este texto manuscrito está dividido em duas partes – visível devido a cor da tinta e da forma dos caracteres. O colaborador Toufic Naim Saleh realizou uma tradução adaptada para o português deste texto. Na primeira parte, a tradução revelou informações de um provável dono do Missal, padre Berthanos Lataquino, não tendo muito a acrescentar na discussão relativa a data da construção da Igreja Ortodoxa. Ao observarmos a segunda dedicatória, notamos que é datada no dia 20 de outubro de 1907, estando o padre José Elias a partir rumo ao Brasil para inaugurar e/ou construir uma Igreja Ortodoxa no Brasil: “Entrego este livro como lembrança a meu querido irmão padre Youssef Elias [Padre José Elias], de Bairo Acar, quando ele estava para viajar ao Brasil para a inauguração de uma Igreja Ortodoxa lá como lembrança. Padre Berthanos Lataquino de Trípoli Cham 20 de outubro de 1907”.

¹¹ O padre José Elias foi responsável pela construção, e, o padre José Elias Ohomsi entrevistado, veio para reformar a Igreja Ortodoxa no ano de 2000.

¹² Atualmente os limites da Paróquia Santo Elias diminuíram, pois, Anápolis (GO) ganhou uma Igreja Ortodoxa.

com a presença do Arcebispo Metropolitano, Dom Damaskinos Mansour e outros convidados da colônia sírio e libanesa de Guaxupé, região e da colônia de São Paulo.

O padre José Elias Ohomsi está até o presente momento à frente da Igreja Ortodoxa. Muitos dos colaboradores relatam que os imigrantes e/ou descendentes sírios e libaneses, apesar de terem sido batizados e até mesmo casados na Igreja Ortodoxa, não participam das celebrações; outros já participam das celebrações na Igreja Católica. A colaboradora Nádia Cury nos relata que a Igreja é o seio de sua família e relatar a dedicação do Padre José Elias Ohomsi na luta de resgatar o calor da religiosidade na colônia:

É a história da família. Ali é a história do meu avô mesmo, né. Tanto que ele lutou. É uma pena porque não tem tantos árabes, porque ele, quando ele celebrava a missa aos domingos, é, vinha gente de todos os lados só para assistir a missa. São José, Mococa, Arceburgo, Guaranésia, todos esses libaneses aqui da região, vinham todos os domingos assistir a missa, então, hoje não tem mais. Muitos tem, os filhos que, já passaram para católico faz muito tempo e continuam freqüentando. E muito bem. Mas o padre José está pelejando. Um dia, um domingo tem vinte pessoas, no outro domingo tem vinte e duas e no outro tem vinte e cinco e vai indo. Um dia menos, outro dia mais, mas ele não desanima.

Na Igreja Ortodoxa se reuniam as Sociedades de Ajuda Mútua. Na obra de Hajjar (1985:208), na seção de Anexos, encontram-se as Sociedades e Clubes espalhados pelo Brasil. Dentro do estado de Minas Gerais, tivemos quatro sociedades na região de Guaxupé: “Sociedade Beneficente Síria, em Guaranésia; Sociedade Beneficente das Senhoras Sírias, em Guaxupé; Clube Sírio (1913), em Guaxupé; União Síria (16-9-1904), em Guaxupé”.

Essas sociedades tinham por objetivo promover a ajuda aos imigrantes recém-chegados e a organização de eventos dentro da colônia, sendo baseadas na Igreja e não possuíam sede, sendo suas reuniões realizadas na casa do padre José Elias.

As comemorações da colônia se atinham a festas de casamentos, que duravam sete dias, iniciava três dias antes do casamento e prolongavam por três dias após o casamento. As festas eram regadas com comida árabe e danças. Os brasileiros participavam das festas. Alguns colaboradores fazem um respaldo que, quanto aos dias atuais não se tem mais essas festas; acreditando que o fim das festas se deve ao fator de não ter mais “patrícios”. A geração mais nova, ou seja, a terceira geração já não importa com a tradição, eles têm “outra cabeça”, como nos relata Nádia Cury:

Nós sentimos muito porque não tem a festa que tem de primeiro. Porque quando casava algum filho de sírio, era três dias antes e três dias depois de festa. Dança, eu me lembro do meu pai com lencinho dançando e a gente dançando junto. E você vai, isto a gente não conseguimos resgatar. (...) Até os brasileiros sabiam dançar, que entravam no meio para poder dançar. E era muito gostoso e isso, hoje, a gente

não consegue resgatar, porque não tem mais os antigos para ensinar a gente. (...) Não tinha festa na igreja. Era só nos casamentos. (...) Três dias antes três dias e tinha uma flautinha, tinha um senhor aqui que tocava. Então ele ficava tocando a flautinha e o pessoal todo dançando em volta. (...) Aí tinha a comida, comida árabe mesmo. Ninguém fazia as coisas sozinho não. Convidava todo mundo. É igual eu estou te falando. Era a união da raça, era muito grudada (...) Porque ela foi, foi acabando os legítimos né. Os mais, os patriarcas como a gente fala, o matriarcado, as mães, os pais passaram isso para a gente. A gente continua assim muito ligado. Mas os mais novos, os mais novos já tem outros interesses, outra cabeça. Não liga muito para a união não. Se vê, você é mocinho, mas você vê, é irmão que briga com irmão, o outro mata o pai, o outro, imagina, né. Então, hoje não tem muita união de família, eu acho. Eu fico triste com isso.

Um grande acontecimento dentro da Igreja Ortodoxa e que marcou muitos imigrantes e descendentes foram as Bodas de Ouro Sacerdotal do padre José Elias. A colônia ‘árabe’ guaxupeana e da região inteira se mobilizaram para realizar uma festa em comemoração às Bodas de Ouro de sacerdócio do padre José Elias. Segundo relato de colaboradores e do Jornal Folha do Povo, do dia 11/08/1946, a festa reuniu ‘árabes’ da região em que o padre José Elias atuava como administrador paroquial – Triângulo Minério, Patrocínio Paulista, Franca, entre outras localidades – e da colônia ‘árabe’ da cidade de São Paulo.

A morte em 1952, do padre José Elias marca a colônia, pois, os imigrantes viam nele um elo com a terra natal, agregando a colônia em torno de si:

Porque geralmente quem agrega a colônia é próprio padre, aquele padre tradicional, tanto até na Igreja Católica, que é quase a mesma coisa... o padre é ele que concentrava todos os trabalhos. O respeito que havia era muito grande. Esse Padre José Elias, o padre nosso, o padre ortodoxo, às vezes se precisasse chamar a atenção de um patrício, ele mandava chamar lá na casa dele para conversar e tal. Ou para chamar a atenção ou para pedir uma ajuda também, para fazer um trabalho. Isso aconteceu. Tudo girava em torno do padre. Sem dúvida nenhuma. O respeito era muito grande. E a Igreja sempre cheia. A colônia todinha lá. Agora, com a morte do Padre José Elias já deu um branco aqui na cidade... Até que veio o padre Michel, esse padre Michel veio foi muito bom também...(Nabih Zaiat)

A religião foi um fator marcante na escolha da rota migratória dos sírios e libaneses. Assim estabelecimento notável destes imigrantes em Guaxupé esta ligada à Igreja Ortodoxa erguida neste município. Existe uma preocupação em manter e reforçar esta identidade étnica, buscando estreitar os laços, realizando trocas culturais para facilitar a convivência na sociedade guaxupeana.

Bibliografia

- BASAGLIA, Claudete Camargo Pereira. **Nuvem de mascates**: raízes que se rompem. Campinas, 2002. Dissertação (Mestrado), UNICAMP.
- COELHO, Hercídia Mara Facuri. **Imigração e História Local**: Sírios e Libaneses em Franca. Franca, 1998. Tese (Livre Docência em História), UNESP.
- DEMARTINI, Zeila de Brito Fabri. Pesquisa histórico-sociológica, relatos orais e imigração. In: DEMARTINI, Zeila de Brito Fabri. TRUZZI, Oswaldo Mário Serra. (Orgs.) **Estudos migratórios**: perspectivas metodológicas. São Carlos: Edufscar, 2005.
- GATTAZ, André. **Do Líbano ao Brasil**: história oral de imigrantes. São Paulo: Gandalf, 2005
- HAJJAR, Claude Fahd. **Imigração Árabe**: 100 anos de reflexão. São Paulo: Ícone Editora, 1985.
- LESSER, Jeffrey. **A negociação da identidade nacional**: imigrantes, minorias e a luta pela etnicidade no Brasil. São Paulo: Editora da UNESP, 2001.
- PESAVENTO, Sandra Jatahy. **História & História Cultural**. 2ª edição. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.
- PITTS JR, Montie Bryan. **Forging ethnic identity through faith**: religion and the syrian-lebanese community in São Paulo. Nashville, 2006. Dissertação (Mestrado), Vanberbilt University
- ROSA, Maisa Dassie. **Memória da imigração**: a trajetória do imigrante sírio-libanês em Altinópolis. Franca, 2001. Dissertação (Mestrado), UNESP
- SAFADY, Jorge Salim. Imigração Árabe In **História da Imigração no Brasil** - As famílias. São Paulo: SNDCB, 1986.
- SAFADY, Jorge. **A imigração árabe no Brasil**: 1880-1970. São Paulo: [s.n], 1972
- SAYAD, Abdelmalek. A imigração ou os paradoxos da alteridade. São Paulo: EDUSP, 1998.
- VALLE, José Ribeiro do. VALLE, Geraldo Ribeiro (editores). **Guaxupé: memória histórica**. 2º Edição Revisada, São Paulo, 2003.